

## ESCOLARIZAÇÃO E EDUCAÇÃO: DA CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA

Gercinaldo Moura\*

### RESUMO:

Este Artigo pretende discutir a escolarização e a educação, como duas categorias sociais que, embora sejam comumente abordadas como se fossem sinônimas, inclusive na própria perspectiva oficial, são questões distintas que, em determinados momentos, se convergem, mas podem se caracterizar muito mais pela divergência.

**Palavras chave:** 1. Escola-Educação; 2. Sociologia; 3. Sociedade-Mercado.

### ABSTRACT:

This Article intends to discuss about schooling and education, as two social categories that, though are commonly approached as if they were synonyms, also in the proper official perspective, are distinct questions that, in determined moments, they converge, but can be much more characterized by the divergence.

**Key words:** 1, School-Education; 2, Sociology; 3, Society-Market.

### INTRODUÇÃO: A ESCOLA NA SOCIEDADE DE MERCADO

O mundo globalizado impele as pessoas em direção ao xenofobismo, à intolerância diante do outro, à idéia de que há uma inevitabilidade histórica, ao consumismo e ao individualismo desenfreado. Naturalizam-se as mazelas e misérias da condição humana, em nome de um determinismo amparado num viés tecnicista e nas necessidades da concorrência internacional, isto é, da predominância do mercado.

A orientação do sistema educacional dentro do modelo econômico e social vigente aborda fortemente a teoria do capital humano como sendo a que, por sua perspectiva economicista, responde melhor aos princípios sustentados por essa tendência (BIANCHETTI, 2001 p.93).

---

\* Gercinaldo moura é Mestre em Política e Historia da Educação; Sócio efetivo da Associação Brasileira de Ciência Política - ABCP; Professor Universitário; tem artigos publicados em Revistas Cientificas e Sites Especializados.  
E-mail: [gercinaldomoura@gmail.com](mailto:gercinaldomoura@gmail.com)

Essa teoria incorpora em seus fundamentos a lógica do mercado reduzindo a função da escola à formação de recursos humanos para a estrutura de produção.

Nessa lógica, a articulação do sistema educativo com o sistema produtivo estabelece que o primeiro deva responder de maneira direta a demanda do segundo. “Em geral, a teoria do capital humano afirma que as escolas são agentes importantes de crescimento econômico e de mobilidade” (APPLE, 1999 p.58).

Dentro dessa lógica, nossa inferência acerca da dimensão teleológica da escola, sobretudo, no mundo ocidental, tem sido, via de regra, reduzida à mera disposição da demanda do mercado, sob o imperativo dos órgãos financeiros mundiais sintetizando a ideologia neoliberal.

Com isso, o conceito da educação escolar se consolida na associação muito mais de uma habilidade técnica do que um “fenômeno social”, tornando-se mero sinônimo de instrução.

## **1. INSTRUÇÃO: ORIENTAÇÃO PARA A VIDA PROFISSIONAL**

Nas delimitações do espaço escolar, os objetivos da instrução tem sido ministrar ao homem o conhecimento, o uso dos objetos e habilidades precisos para sua vida profissional, orientado pelos interesses do mercado, sobretudo numa sociedade capitalista, onde o homem cada vez mais tem visto a escola apenas como um meio de ascensão social, através de uma possibilidade da aquisição de uma habilitação profissional. Para Apple (1989, p. 59):

As escolas maximizam a distribuição do conhecimento técnico e administrativo entre a população. Na medida em que os estudantes aprendem esse conhecimento, eles podem “investir” suas especialidades e capacidades adquiridas para ascender a melhores ocupações. Isso propiciará taxas mais elevadas de mobilidade individual e garantirá também a oferta de pessoas bem qualificadas exigidas por uma economia em expansão. Treinamento técnico generalizado, mobilidade e crescimento econômico são fatores que estão relacionados. Nessas circunstâncias o planejamento cuidadoso da “força de trabalho” e a estimulação de currículos técnicos e científicos, voltados para a ascensão profissional, tornam-se fatores essenciais.

Essa valorização de uma formação de mercado ocorre em detrimento, ou mesmo excluindo-se dela a função política e social que permite uma compreensão da complexidade das relações sociais e da própria natureza do homem.

No discurso Neoliberal a função da escola deixa de ser parte do campo social e político para ingressar no mercado e funcionar a sua semelhança, segundo Marrach (2000, p.46):

Os Neoliberais reservam um papel estratégico para a escola determinando-lhe alguns objetivos que seria o de atrelar a educação a preparação para o trabalho de acordo com as necessidades da livre iniciativa do mercado, que desejam uma força de trabalho qualificada, apta para a competição nos mercados nacional e internacional.

Porém, é bom destacar que a instrução também poderá munir o homem de certo conhecimento político, mas que sem a devida educação será usado apenas para os fins de seu ego, conseqüentemente acentuando cada vez mais os problemas de ordem social e fraterna.

## **2. ESCOLARIZAÇÃO E EDUCAÇÃO: DA CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA**

O ego (emoção/desejo) é um péssimo senhor da nossa vida, mas um ótimo servidor, portanto onde há um ego instruído sem um “eu” (razão) educado há aí um malfeitor potencial. Um ego pouco instruído, pouco mal pode fazer, o ego muito instruído pode fazer mal, se lhe faltar à devida educação da razão. O homem que vive apenas na consciência do seu ego externo, não pode deixar de ser um egoísta, que hostiliza o “eu” interno.

Do simples fato de o homem ser escolarizado, portanto instruído, não se segue que seja educado, que tenha valor. O ser educado não é, necessariamente, um efeito da escolarização, da instrução. “O ser educado é efeito da captação de valores pela consciência e isso é o que pode tornar um homem de valor” (ROHDEN, 2005). Nessa perspectiva, observa-se nas palavras de Einstein, que educação é o que resta depois de ter esquecido tudo que se aprendeu na escola.

Por vezes, a obediência a esses valores é difícil e dolorosa, mas a consciência, que é o seu eco (no ser educado), exige imperiosamente que o homem obedeça a essa norma imutável.

A ciência é maravilhosa, mas não é ela, necessariamente, que pode valorizar a vida do homem. A escolaridade não garante educação na mesma proporção da instrução. Instrução plena não é necessariamente educação plena. Estes elementos são como linhas

paralelas que não convergem nem divergem. Suas finalidades são diversas. O ideal seria que um homem tivesse plenitude de instrução e plenitude de educação; que fosse mestre em ciência e mestre na consciência.

### **3. ESCOLARIZAÇÃO: OU A REPRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS**

Embora para a teoria neoliberal a sociedade se desenvolva na medida que se desenvolve a escola, que é um indicador do índice de desenvolvimento humano, ela, por si só, não é uma garantia da equidade social. A idéia de que para cada uma escola que se abre fecha-se uma cadeia, lamentavelmente, não tem se constituído como uma verdade, pois os grandes criminosos e malfeitores da humanidade não foram homens de pouca instrução, ao contrário, eram homens de elevada erudição. Se as nossas escolas fossem centros de educação, poderíamos abrir escolas para fechar cadeias. Mas as escolas são centros de instrução.

A escola também tem ensinado a suportar a ter a própria existência desperdiçada, muitas vezes, por um “professor tirano” em uma “função alienante e degradante”. Ela tem sido o rolo compressor que normaliza as consciências e apara as diferenças e genialidades, tornando-se, nessa perspectiva, “treinamento para escravos”. Para Rousseau o ensino deve visar mais a capacidade de discernir do que o acúmulo de conhecimentos e deve fundar-se na experiência em decorrência de um processo espontâneo e em contato com a natureza, e não na racionalidade.

Em tese podemos dizer que a escola não nasceu com a finalidade da diferenciação, portanto não é de sua natureza produzir tal diferenciação, mas ela é usada para perpetuá-la. Sua função, com pequenas diferenciações, é a de reproduzir e conservar valores sociais e culturais, de acordo com os interesses das classes dominantes (RODRIGUES, 1999).

Afinal e tal como a própria democracia enquanto arena de luta é inseparável da ética, assim “qualquer concepção de escolaridade pública e de escola está necessariamente vinculada a um conceito de serviço comprometido com considerações morais e políticas assentes em valores” (ESTEVAO; 2001 p. 81).

### **4. EDUCAÇÃO: A FORMAÇÃO DO HOMEM INTEGRAL**

Segundo (FREITAG, 2001), Sócrates defendia a tese de que as virtudes não são algo que possa ser ensinado ou aprendido, para ele este é um processo em que a coragem, a

sabedoria, a temperança, a piedade e a justiça é iluminada de todos os ângulos, ou seja, ocorre dentro de um processo social.

A partir daí, podemos dizer que a educação, no sentido mais autêntico, trata-se de um processo que ocorre conosco, no qual alteramos crenças e valores provocados por uma atividade que exercemos sobre nós mesmos e por atividades que outros (também o meio ambiente) exercem sobre nós. Sua finalidade deve ser o homem integral, um ser instruído e educado, despertando os valores da natureza humana, que existe em cada indivíduo em forma potencial e embrionária. Isto se desenvolve pelas influências das condições dos meios sociais em que esteja inserido. Nossa responsabilidade, como professores-educadores, é enorme, quanto mais ignoramos este postulado, maior o perigo da negação absoluta de uma civilização eqüitativa.

## **5. EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA: A CONVENIÊNCIA IDEOLÓGICA VIGENTE**

Infelizmente herdamos certos moralismos e "castidade" de uma educação "puritana". Muitos professores, certamente não se sentem à vontade para analisar e discutir a questão da violência do mundo real em que vivemos revestindo o ato da educação escolar em um pretense sacerdócio.

Na escola, lamentavelmente, os poderes públicos insistem muito em instrução e pouco em educação. A educação que pretende restringi-se à educação moral e cívica. Esta não tem por finalidade tornar o homem educado e consciencioso, mas sim torná-lo adaptável ao convívio social com os objetivos ideológicos vigentes. A tolerância religiosa, étnica, racial, geográfica, cultural e a orientação sexual deveriam fazer parte do currículo escolar, de um modo diferente daquelas de ordem instrumentalizante, pois, o motivo dessa educação não é de consciência, mas apenas de conveniência. Por esta razão a educação moral e cívica jamais poderá estabelecer uma sociedade justa, fraterna e igual entre os homens.

## **CONCLUSÃO**

Precisamos livrar a escola dessa hipocrisia, que incomoda e que faz alguns alunos e professores acharem que a educação escolar tem que ser casta, "moralmente correta", virtuosa, sem enxergar que o mundo não é assim. O que fazer para que a aula não seja casta, ingênua, para não cair na sutileza da "assexualidade da educação?"

Talvez precisemos de mais liberdade, a mesma liberdade que Sócrates necessitava para que o Agon dialético se desenvolvesse e o ensino e a aula ocorressem. Assim, a arquitetura de que precisa a didática pós-moderna não é a da sala, a do ambiente escolar ou do círculo de cultura, mas sim, a "arquitetura que se forma a partir da geometria da troca de olhares humanos".

Quando a ciência se integrar totalmente na consciência, quando o homem escolarizado se educar, talvez amar ao próximo como a si mesmo se pareça mais com possibilidade do que com santidade.

Portanto somente o homem educado pela consciência dos valores é que pode servir para a harmonia e justiça social.

## REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. **Educação e poder**. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BIACHETTI, Roberto G. **Modelo neoliberal e políticas educacionais**. 3ªed. – São Paulo: Cortez, 2001.

ESTEVAO, Carlos. **Justiça e educação: A justiça plural e a igualdade complexa na escola**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAG, Bárbara. **O indivíduo em formação**. 3ªed. – São Paulo: Cortez, 2001.

MARRACH, Sonia A. Neoliberalismo e educação. IN: GHIRALDELLI Jr., Paulo. **Infância, educação e neoliberalismo**. 2ªed. – São Paulo: Cortez, 2000.

RODRIGUES, Neidson. **Lições do príncipe e outras lições**. 18ªed. – São Paulo: Cortez, 1999.

ROHDEN, Humberto. **Educação do Homem integral**. São Paulo: Martin Claret, 2005.